UNIVERSIDADE CESUMAR - UNICESUMAR
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

AUTISTA NA UNIVERSIDADE: INCLUSÃO E RESPONSABILIDADE

VIVIANE APARECIDA DE CARVALHO PADOVAN

Maringá - PR
2020

VIVIANE APARECIDA DE CARVALHO PADOVAN

AUTISTA NA UNIVERSIDADE: INCLUSÃO E RESPONSABILIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Cesumar - UNICESUMAR, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Odontologia.

Orientador: Prof. Fernando Accorsi Orosco.

Maringá - PR
2020

VIVIANE APARECIDA DE CARVALHO PADOVAN

AUTISTA NA UNIVERSIDADE: INCLUSÃO E RESPONSABILIDADE

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Odontologia da Universidade Cesumar – UNICESUMAR como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Odontologia, sob a orientação do Prof. Orientador – Fernando Accorsi Orosco.

Aprovado em: 30 de outubro de 2020.

Prof. Orientador – Dr. Fernando Accorsi Orosco
UNIVERSIDADE CESUMAR - UNICESUMAR

Profa. Dra. Graciene de Sousa Bido
UNIVERSIDADE CESUMAR - UNICESUMAR

Profa. Ms. Luciana Ferreira Netto
UNIVERSIDADE CESUMAR - UNICESUMAR

Maringá, 30 de outubro de 2020.

Dedico este trabalho ao meu Esposo Marcos Paulo, aos meus Pais José e Nilza, aos meus Professores de Odontologia e, ao meu Orientador Fernando Accorsi Orosco.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida.

Aos meus Pais pelo amor e dedicação.

Ao meu marido, pelo amor e confiança diante dos meus estudos, preocupações e alegrias.

Agradeço aos meus Professores, pelo ensinamento e

paciência para que eu obtivesse êxito e atingisse meus objetivos.

Ao meu Professor Orientador, por apoiar-me nos trabalhos sempre que necessário.

Aos colegas de turma que contribuíram de uma forma ou de outra, nos estudos, trabalhos,

com perseverança e companheirismo.

“Seu sorriso lhe dará um semblante positivo que fará com que as pessoas se sintam à vontade ao seu redor.”
(Les Brown)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

2 DESENVOLVIMENTO 11

2.1 CONCEITO DE AUTISMO 11

2.2 TIPOS DE AUTISMO 12

2.3 CAUSAS E POSSÍVEIS FATORES DO AUTISMO 14

2.4 COMUNICAÇÃO, INTERAÇÃO SOCIAL E COMPORTAMENTO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) 15

2.5 PRINCIPAIS MODALIDADES TERAPÊUTICAS 16

2.6 O AUTISTA NA UNIVERSIDADE 17

2.6.1 Diretrizes que amparam o Portador de Necessidades Especiais 17

2.6.2 Entrevista com o aluno autista sobre a desistência da universidade 20

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS 24

4 REFERÊNCIAS 26

RESUMO

O trabalho “Autista na Universidade: Inclusão e Responsabilidade”, tem por objetivo um estudo sobre o Autismo e a forma de atendimento do aluno autista nas Universidades. Com o aumento significante de alunos autistas vindo às escolas, nota-se uma preocupação a mais no futuro dos mesmos. O trabalho apresenta como método, um breve estudo sobre o diagnóstico do autismo, a parte cognitiva, a inclusão e a inserção do aluno e o atendimento desse aluno na universidade. Para trabalhar as hipóteses, investiga-se a necessidade de práticas pedagógicas e atendimentos individuais eficazes para o aluno. Nessa perspectiva de estudo, mostra a necessidade do estudante portador de autismo da universidade, ser acompanhado conforme suas dificuldades, com profissionais preparados e habilitados para a demanda. Enfoca-se o preparo de alguns profissionais da educação para a formação do aluno autista em todos os aspectos, inclusive para que não se sinta excluído perante os demais alunos. Como resultado, tem-se um levantamento de dados de aluno autista que estudou em universidade, levando em conta o atendimento na entidade, aprendizagem cognitiva, inclusão e exclusão, bem como profissionais habilitados. Como conclusão, apresenta os resultados de uma conversa com esse aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Aprendizagem. Inclusão. Responsabilidade. Universidade.

ABSTRACT

The article "Autistic at the University: Inclusion and Responsibility", aims at a study on Autism and the way of attending the autistic student at Universities. With the significant increase in autistic students coming to schools, there is an additional concern in their future. The work presents as a method, a brief study on the diagnosis of autism, the cognitive part, the inclusion and insertion of the student and the attendance of that student at the university. In order to work the hypotheses, the need for pedagogical practices and effective individual assistance for the student is investigated. In this perspective of study, it shows the need for students with autism at the university, to be accompanied according to their difficulties, with professionals prepared and qualified for the demand. It focuses on the preparation of some education professionals for the training of autistic students in all aspects, including so that they do not feel excluded from other students. As a result, there is a data survey of an autistic student who studied at a university, taking into account service at the organization, cognitive learning, inclusion and exclusion, as well as qualified professionals. In conclusion, it presents the results of a conversation with this student.

KEY-WORDS: Autism. Learming. Inclusion. Responsability. University.

1 INTRODUÇÃO

Autismo é uma palavra de origem grega (autós), que significa “por si mesmo”. É um termo usado na Psiquiatria, para denominar comportamentos humanos que se centralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo (ORRÚ, 2011, pg 17). O autismo é considerado conforme a definição apresentada por Gillberg (1990) em seus estudos sobre diagnóstico e tratamento do autismo infantil, como “uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas e curso de um distúrbio de desenvolvimento”.

O autismo é uma síndrome da doença de mente e como um distúrbio ou transtorno do desenvolvimento. Ele é desencadeado por meio de condições que podem ser genéticas ou ambientais. O autista está em todos os lugares. É uma questão de saúde pública, pois sua condição de comportamento é muito diferente e elevada.

Devido, ao significativo aumento de alunos autistas nas instituições públicas e privadas, faz-se necessário algumas mudanças de postura das entidades escolares, dirigentes, professores e funcionários. Dependendo do atendimento ofertado a esses alunos, muitos deles acabam abandonando seus estudos, aumentando o índice de reprovação e desistência, não conseguindo a aprendizagem necessária, por não terem sido assistidos como aluno especial em seu crescimento intelectual, social, histórico e cognitivo.

Para trabalhar as hipóteses, investiga-se a necessidade de práticas pedagógicas e atendimentos individuais eficazes para o aluno. No caso, necessita-se de entidades que contenha profissionais habilitados em Educação Especial preparados para enfrentar essa demanda. Assim, *o ensinar* torna-se menos difícil diante do aluno portador de necessidades especiais educacionais. É necessário de muitas formações na área de Inclusão, onde esses profissionais poderão entender melhor a direcionalidade a esses estudantes e, possíveis facilidades, enfrentando as dificuldades com mais exatidão. O aluno não pode sentir-se excluído no curso onde é inserido, seja qual for a entidade escolar, inclusive nas universidades, onde o fluxo de estudantes é bem maior.

Diante do exposto, esse trabalho tem por finalidade um estudo sobre o Autismo, bem como a forma de atendimento do aluno portador de necessidades especiais educacionais, especificamente, o aluno autista, com enfoque na sua inserção e atendimento na Universidade.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONCEITO DE AUTISMO

Há vários adjetivos utilizados para nominar o autismo, como “autismo puro, núcleo autístico, autismo (primário no caso de não-associação com outras patologias), secundário, autismo de alto funcionamento, de baixo funcionamento, entre outros. (ORRÚ, 2011, p.17)

No Brasil devem existir, estatisticamente, de 75 mil a 195 mil autistas, baseado na proporção internacional, já que nenhum censo semelhante foi realizado (ORRÚ, 2011, p.27). Cunha (2017, p. 20), aponta a Lei Nº 12.764/12, que “caracteriza a síndrome como uma deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação social, manifestada por dificuldade de comunicação verbal e não verbal”. E, acrescenta, que é necessário a “reciprocidade social e dificuldades para desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento”.

Conforme Gillberg (1990; apud Orrú, 2012, apud 23):

> Até 1889, dizia-se, estatisticamente, que a síndrome acometia crianças com idade inferior a três anos, com predominância de quatro crianças a cada dez mil nascidas. Manifestava-se majoritariamente, em indivíduos do sexo masculino, sendo a cada quatro casos confirmados três do sexo masculino e um caso para o feminino (GILLBERG, 1990; apud ORRÚ, 2012, p. 23).

É preciso lembrar que o autismo é mais frequente no sexo masculino. Segundo um estudo publicado no site (www.bbc.com>portuguese>geral) de Eva Ontiveros e Lourdes Heredia, de 2 de abril de 2019), “estima-se que 1 a cada 160 crianças no mundo tenha Transtorno do Espectro Autista (TEA), de acordo com dados da Organização Mundial fato da dificuldade dos professores em diagnosticar o problema o espectro autista no sexo feminino, confundindo com timidez ou outra anormalidade.

“No Dia de Conscientização do Autismo, estatísticas publicadas mostram uma grande concentração em casos de autismo entre os homens em comparação com as mulheres de Saúde (OMS), mas há uma enorme disparidade nos diagnósticos de gênero”. (www.revistaautismo.com.br). Isso reforça os dados nas escolas que, a grande parte de autistas são meninos.

Os números oficiais no Reino Unido indicam que há cerca de 700 mil pessoas autistas, com uma proporção de dez homens para uma mulher. Outros estudos apontam para uma proporção de dezesseis para uma. (www.revistaautismo.com.br).

Conforme Salvador (2015, p. 26),

> Autismo é uma síndrome que os profissionais de doenças da mente, desde que tenham uma visão global sobre ele, podem e devem colaborar, instruindo e orientando para que os responsáveis não sofram mais do que o inevitável". Por falta de esclarecimento, "os autistas são submetidos a tratamentos medicamentosos inadequados pela falta de conhecimento em relação à síndrome pelos familiares e pela sociedade. (SALVADOR, 2015, p. 26)

A revista Autismo (www.bbc.com>portuguese>geral) ressalta que, "os transtornos do espectro autista (TEA) são uma condição com a qual uma pessoa precisa conviver ao longo da vida e que afeta a forma como ela se comunica e interage com o mundo". Por isso, a importância da família na construção de valores, interação social, vida escolar e diagnóstico precoce na vida do indivíduo. E, ainda reforça que "o nível de funções cognitivas e intelectuais de autistas varia bastante, desde um profundo comprometimento destas habilidades até impactos bem mais sutis".

Segundo Dr. Gustavo Teixeira (Manual do Autismo, 2018, p. 18), "o transtorno do espectro autista é uma síndrome de início precoce caracterizada por alterações marcantes no desenvolvimento da linguagem e da interação social". Enfim, o que reforça é que há "comportamentos repetitivos, rituais, alterações sensoriais e interesses restritos". Na parte clínica, os autistas podem apresentar diferentes manifestações, alguns mais leves e outros mais severos. Por isso, o diagnóstico precoce é essencial.

2.2 TIPOS DE AUTISMO

De acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), são existentes "quatro tipos" de Autismo: Síndrome de Asperger, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, Transtorno Autista e Transtorno Desintegrativo da Infância.

Conforme Psicologia Geral, site (www.blog.psocologiaviva.com.br), apresenta os quatro tipos de autismo, divididos em ordem por numerais ordinais:

> **1º Síndrome de Asperger:** É considerada a forma mais leve entre os tipos de autismo e é três vezes mais comum em meninos do que em meninas. Normalmente, quem possui a síndrome conta com uma inteligência bastante superior à média e pode ser chamado também de "autismo de alto funcionamento". Também é normal que esse autista se torne extremamente obsessivo por um objeto ou um único assunto – e passe horas discutindo ou falando sobre o assunto. (www.blog.psicologiaviva.com.br/psicologia_geral).

É imprescindível que a família se atente aos quadros da Síndrome de Asperger, pois quando não tratados na infância, poderá acarretar inúmeros problemas para a vida, desenvolvendo "quadros depressivos e de ansiedade".

> **2º Transtorno Invasivo do Desenvolvimento:** essa é uma "fase intermediária", já que ela é um pouco mais grave que a Síndrome de Asperger, mas não tão forte quanto o Transtorno Autista. Nesse caso, os sintomas são muito variáveis. Porém, de uma maneira geral o paciente apresentará:
> - quantidade menor de comportamentos repetitivos;
> - dificuldades com a interação social;
> - competência linguística inferior à Síndrome de Asperger, mas superior ao Transtorno Autista. (www.blog.psicologiaviva.com.br).

Nota-se que o aluno autista que possui esse transtorno, consegue equilibrar seus afazeres, desde escolares como as da vida cotidiana, mas sempre acompanhado pelos professores e seus familiares, pois ainda possui dificuldades no convívio social.

> **3º Transtorno Autista:** são aqueles que apresentam sintomas mais graves que os dois outros tipos de autismo. Neste caso, várias capacidades são afetadas de forma mais intensa, como os relacionamentos sociais, a cognição e a linguística. Outro fator bem comum é a presença intensificada dos comportamentos repetitivos. Esse é o tipo "clássico" de autismo e que costuma ser diagnosticado de forma precoce, em geral antes dos 3 anos. Os principais sinais indicam a condição:
> - falta de contato com os olhos;
> - comportamentos repetitivos como bater ou balançar as mãos;
> - dificuldades em fazer pedidos usando a linguagem;
> - desenvolvimento tardio da linguagem.
> (www.blog.psicologiaviva.com.br).

Esse tipo de transtorno é comum nas escolas de ensino regular, pois já vêm de outras entidades com seus diagnósticos para que se dê a continuidade do ensino e, em algumas escolas, há o professor habilitado para acompanhá-lo nas aulas em suas atividades junto aos demais alunos. Os estudos desse trabalho mostram o quanto é essencial a importância de um professor assistente (PAEE), "Professor de Atendimento Educacional Especializado", em sala de aula. Nota-se que o aluno se desenvolve com mais fluidez e acompanha (dentro de suas possibilidades) os alunos da sala.

> **4º Transtorno Desintegrativo da Infância:** considerado o tipo mais grave do espectro autista e o menos comum. A criança apresenta um período normal de desenvolvimento, porém a partir dos 2 aos 4 anos de idade, ela passa a perder as habilidades intelectuais, linguísticas, sociais sem conseguir recuperá-las.

> (www.blog.psicologiaviva.com.br) Muito mais raro que o autismo, com sintomas semelhantes ao de Rett, mas incidindo predominantemente em meninos, geralmente acompanhados de deficiência mental. "É uma regressão pronunciada em múltiplas áreas do funcionamento, após um período de pelo menos dois anos (até antes dos dez) de desenvolvimento aparentemente normal" (BAPTISTA & ROSA, 2002, p. 46).

Nesse caso, esse transtorno leva o nome também de Síndrome de Heller, cujo nome é do educador austríaco Thomas Heller, que foi o primeiro a identificar e a falar a respeito do assunto, em 1908. Por se tratar de uma condição rara, não foi reconhecido como um distúrbio do desenvolvimento até a década de 90 (www.jrmcoaching.com.br). Hoje, o Transtorno Desintegrativo da Infância é classificado como um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, uma classificação que também engloba os Transtornos do Espectro Autista e a Síndrome de Rett. (www.jrmcoaching.com.br). Assim como outros transtornos do espectro do autismo, o TDI afeta os meninos com uma maior frequência do que as meninas, por conta de mutações genéticas.

2.3 CAUSAS E POSSÍVEIS FATORES DO AUTISMO

Ainda não se sabe exatamente as causas do autismo, mas alguns fatores de risco parecem favorecer o desenvolvimento dessas condições comportamentais, incluindo fatores genéticos e ambientais (TEIXEIRA, 2018, p. 34). Segundo esse autor, "a genética está intimamente ligada ao autismo. Pais com um filho portador de autismo apresentam chances de cerca de 10% de ter filho com a mesma condição comportamental".

Ainda, conforme Teixeira (2018, p. 34),

> Outros estudos genéticos com gêmeos idênticos concluem que se um dos irmãos tiver autismo, a chance de o outro também ter varia entre 36% e 95%. No caso de gêmeos não-idênticos, a chance é reduzida para até 30%. Ainda na esfera das hipóteses para o autismo, outros estudos mostram que crianças com algumas doenças de origem genética, como a síndrome de down ou a síndrome do X frágil, apresentam maior chance de também desenvolver o autismo. (TEIXEIRA, 2018, p. 34)

Quando fala em fatores ambientais, Teixeira (2018, p. 35), fala que esses, "seriam insultos ao cérebro em desenvolvimento durante o período gestacional".

E, ainda ressalta:

> Nesse caso, doenças congênitas como a rubéola, encefalites, meningites, uso de drogas, má nutrição materna, dentre outros fatores poderiam hipoteticamente produzir alterações de estruturas cerebrais ou alterar

> fatores imunológicos e bioquímicos, predispondo e até mesmo desencadeando o comportamento autista.
> (TEIXEIRA, 2018, p. 35)

Com o aumento de casos de autismo, percebe-se que falta conscientização por parte de assistentes sociais para as famílias, inclusive às adolescentes e jovens.

2.4 COMUNICAÇÃO, INTERAÇÃO SOCIAL E COMPORTAMENTO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Antes de observar as modalidades terapêuticas, é necessário que se observe a comunicação, a interação social e o comportamento do aluno. De acordo com Sandberg e Spritz (2017, p. 17), a criança com TEA apresenta dificuldades nas seguintes áreas:

> Comunicação:
> -Não aponta nem utiliza outros gestos.
> -Lento desenvolvimento da linguagem.
> -Dificuldade para iniciar ou manter uma conversa.
> -Inversão dos pronomes “eu” e “você”.
> -Repetição de passagens memorizadas.
> Interação Social:
> -Retraimento.
> -Não brinca de modo interativo.
> -Mínimo contato ocular.
> -Falta de empatia.
> Comportamento:
> -Interesses muito estreitos e obsessivos.
> -Agressivo ou violento.
> -Forte necessidade por rotina.
> -Ataques de birra.
> -Movimentos corporais repetitivos.
> -Pouca brincadeira de faz de conta.
> -Abordagem incomum à estimulação sensorial.
> (SANDBERG E SPRITZ (2017, P. 17)

O tipo de dificuldade enfrentado por qualquer criança nessas três áreas pode variar imensamente, por isso o uso do termo “espectro”. E, a grande e sabida verdade é que o autismo não tem cura (SANDBERG E SPRITZ (2017, p. 17).

Quem faz esse rastreamento são os médicos e, criam um plano de tratamento para o processo terapêutico. O mais indicado para a avaliação do estudante é o médico psiquiatra com especialização em neurologia e neuropediatria.

Brasil (2014, p. 39, enfoca, por meio das Diretrizes de Atenção à reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo TEA): “As diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com TEA se iniciam com a vigilância acerca dos sinais iniciais de problemas de

desenvolvimento e estendem-se para a avaliação diagnóstica".

Brasil (2014, p. 39), ressalta ainda que:

> O diagnóstico nosológico objetiva: examinar em que medida os comportamentos observados são suficientes para a desclassificação diagnóstica (pela CID-10), levando-se em consideração diagnósticos diferenciais; fornecer subsídios para o delineamento do Projeto Terapêutico Singular (PTS) e para as intervenções adequadas a cada caso.

Conforme Parecer Nº 07/14, (PARANÁ, 2014, p. 2), os estudantes, "pelas suas especificidades, demandam, além das adaptações institucionais e flexibilização das condições de oferta, atenção individualizada nas atividades escolares". Ainda reforça que, necessita o "apoio para a autonomia e socialização, por meio de recursos específicos, suporte intensivo e continuado, bem como metodologias e adaptações significativas que a escola precisa ofertar, a fim de tornar-se efetivamente inclusiva". (PARANÁ, 2014, p. 2)

2.5 PRINCIPAIS MODALIDADES TERAPÊUTICAS

Conforme Teixeira (2018, p. 60), as quinze principais modalidades terapêuticas do tratamento moderno para os transtornos do espectro autista são:

> -Orientação Familiar e Psicoeducação;
> -Enriquecimento do Ambiente;
> -Medicação;
> -Terapia Cognitivo-Comportamental;
> -Treinamento em Habilidades Sociais;
> -Método ABA;
> -Fonoaudiologia;
> -Terapia Ocupacional;
> -Terapia de Integração Sensorial;
> -Método TEACH;
> -Método PECS;
> -Método Floortime;
> -Mediador Escolar;
> -Esportes;
> Grupos de Apoio.
> (TEIXEIRA, 2018, p. 60)

Vale lembrar que, cada aluno tem sua especificidade a ser acompanhado dentro e fora da escola. O aluno passa por várias intervenções dentro do ensino básico até chegar à universidade. Tudo depende da estrutura do Plano Individual de Tratamento e Familiar para acompanhar o estudante até que esse chegue às universidades. É necessário também "que o estudante esteja inserido em um programa educacional que estimule sua aprendizagem e seu desenvolvimento" (TEIXEIRA, 2018, p. 56). "Esse plano é de

responsabilidade da coordenação pedagógica e dos orientadores educacionais, mas deve contar com a ajuda da equipe terapêutica que acompanha o tratamento do jovem estudante". (TEIXEIRA, 2018, p. 57)

Mas, e o estudante autista universitário? Como é acompanhado dentro das universidades? Há o comprometimento da entidade, professores e colegas? Como o aluno se sente dentro da universidade, incluído ou excluído na sala de aula, diante dos colegas e trabalhos diários? Muitos questionamentos precisam ser feitos para que possa rever essas questões tão corriqueiras e necessárias dentro das instituições escolares, pois muitas vezes o aluno é retido, mesmo com seus direitos, porque é um aluno especial.

2.6 O AUTISTA NA UNIVERSIDADE

2.6.1 Diretrizes que amparam o Portador de Necessidades Especiais

Há anos atrás, era raro observar que um aluno autista conseguiria chegar às portas de uma universidade. Nos dias atuais, abriram-se as portas da oportunidade para os estudos, pelo fato da maioria deles, terem o acompanhamento diário tanto médico, como escolar e familiar. Nota-se por outro lado, uma pequena porcentagem de alunos que chegam às universidades. Há o autismo leve, onde o aluno pode acompanhar seus estudos, desde que seja com um acompanhamento adequado dentro da entidade.

Assim como nos outros transtornos do espectro autista, fatores neurobiológicos parecem estar envolvidos, dificultando a entrada dessas pessoas aos estudos numa universidade, logo, componentes *genéticos e ambientais* provavelmente participam na origem dessa condição comportamental (TEIXEIRA, 2018, p. 81), levando o estudante a ter medo de "encarar" a nova realidade que o espera. O ambiente escolar tende a colaborar, sempre que possível, dependendo das normas que a constitui. A escola é reflexo de benefício e de uma vida, que pode mudar e transformar as perspectivas de um futuro.

Machado (2012, p. 01), ressalta:

> A escola tem de ser o reflexo do mundo fora dela e o maior benefício para todos é viver a experiência da diferença. Se os estudantes não passam por isso na infância, mais tarde terão muita dificuldade de vencer os preconceitos. A inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, ou por qualquer outro motivo, que ocupem o seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer, essas pessoas serão sempre dependentes e terão uma vida cidadã pela metade. Uma pessoa não pode ter um lugar no mundo sem considerar o lugar do outro, devendo-se valorizar o que ele é e o que ele pode ser. (MACHADO, 2012, p. 01)

A autora mostra que, o aluno portador de quaisquer que sejam as necessidades

especiais intelectuais, devem ser acolhidas em seu meio como cidadãos comuns iguais aos demais alunos. Eles têm muito a oferecer e aprender. Deve haver intervenções eficazes onde poderão concentrar os melhores níveis para atendimento dentro das áreas específicas. A Lei n. 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) garante aos portadores de necessidades especiais os seguintes direitos nos seguintes artigos:

> Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.
>
> Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;
>
> II - Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;
>
> III - Professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;
>
> IV - Educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora. (BRASIL, 2005, p.18)

É imprescindível que as Leis sejam cumpridas e, que os alunos especiais, no caso, autistas, sintam-se acolhidos no meio universitário.

Bereohff (1993), reforça sobre a necessidade de cursos de formação:

> Ainda não existe no Brasil um curso de formação específica para professores de autistas. A preparação desses professores tem sido feita através de alguns cursos de especialização em Educação Especial e/ou estágios supervisionados nas instituições que oferecem esse atendimento. É fundamental que esses professores tenham conhecimento de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem e que sejam orientados para uma atuação adequada nos graves distúrbios de comportamento que apresentam esses jovens. Faz-se necessária a criação pelas universidades de cursos de pós-graduação, para garantir uma formação de profissionais alicerçada coerentemente entre a experiência prática e a busca de dados científicos metodologicamente. (BREOHFF, 1993,p. 23)

Como atender esses alunos autistas na Universidade? Existe um acompanhamento individual desses estudantes? Os alunos se sentem confortáveis e satisfeitos? Por que os alunos autistas desistem dos estudos no meio do curso? Quais os motivos por que os

levaram para o abandono escolar? O que tem sido feito para que isso não aconteça? Dentre essas questões, leva as entidades a pensar a mudanças para atendimento a esses estudantes.

Cunha (1996, p.158), fala sobre a professor-aluno:

> É muito difícil definir os limites do conceito "relação professor-aluno". Eles se intrincam na prática do processo pedagógico com o conteúdo de ensino e com a metodologia adotada;
> A aula é um lugar de interação entre pessoas e, portanto, um momento único de troca de influências. A relação professor-aluno no sistema formal é parte da educação e insubstituível na sua natureza;
> O aluno espera ser reconhecido como pessoa e valoriza no professor as qualidades que os ligam afetivamente;
> O compromisso político do professor não é, atualmente, um aspecto explícito na sua ação. Não faz parte da expectativa dos alunos e nem sempre é consciente no professor. Se não há prática pedagógica neutra, é preciso caminhar mais na direção do desenvolvimento desta prática pedagógica;
> Do professor se espera um papel próprio. Isto não significa o desconhecimento ou desprezo pelas condições do aluno, mas sim que ambos têm papéis diferentes e o professor tem muito mais poder para definir a relação entre os papéis;
> O ambiente institucional interfere no desempenho e nas relações professor-aluno.

Nesse caso, é necessário que haja uma reflexão sobre "o que é ser professor", ainda mais de um aluno autista. Como enfrentar as dificuldades dentro da universidade, onde há um número muito grande de alunos por sala de aula? Nota-se a necessidade de novos currículos, aulas direcionadas a esses alunos com acompanhamento didático aprofundado na inclusão. Quando o aluno não aprende, sente-se excluído, provocando o isolamento, a tristeza e ao abandono do curso. Muitas vezes o discurso das práticas não condiz com a realidade dentro das escolas.

Nogueira e Leal (2018), fala sobre as práticas educacionais inclusivas:

> As práticas educacionais inclusivas não podem ser feitas apenas na forma discursiva, tampouco de forma aligeirada, pois além de requerer preparação adequada e mudanças atitudinais de todos que atuam direta ou indiretamente no processo educacional, exige a concretização de experiências em que as possibilidades de cada um possam ser manifestadas (NOGUEIRA e LEAL,2018, p. 300).

Percebe-se que há momentos em que o aluno autista não é compreendido nas universidades, pois há a necessidade de mais interação entre aluno e professor, como explicam Goldberg, Pinheiro; Bosa, (2005), nota-se que ainda que em vários momentos a exclusão se faz presente nas universidades que de maneira suposta se dizem inclusivas, uma vez que o aluno realiza a matrícula, mas não consegure uma boa interação com o

educador e com a classe, muitas vezes havendo certo tipo de “confronto”. (GOLDEBERG, PINHEIRO, BOSA, 2005)

Conforme a Lei 12.764/12, fica determinado que:

> A LDB, reafirma que os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.
> A Lei 12.764/2012, assim, resgata finalmente o sincero comprometimento do Brasil com a promoção dos direitos humanos. Traduzindo-se em valiosíssima e salvífica ferramenta legal de inclusão da pessoa com deficiência, momento quando impõe ao Poder Público e seus agentes o desenvolvimento de políticas, ações e serviços visando garantir uma vida digna à pessoa com TEA.

Considerando que há uma Lei a ser cumprida, por que o aluno autista desiste da universidade, deixando de concluir seu curso?

2.6.2 Entrevista com o aluno autista sobre a desistência da universidade

Em entrevista com um aluno autista que desistiu de seus estudos na universidade, questionou-se por que o mesmo fazia o curso de Odontologia e o que o motivou à sua desistência, se foi por escolha própria ou foi para atender um sonho de sua família. Por isso, procurou-se para esse trabalho, conversar com ex-aluno (autista) de uma universidade, para um possível entendimento dessa questão. Questionou-se também sobre o atendimento na universidade, se houve inclusão ou exclusão, coleguismo entre alunos e amizade entre ele e os seus professores.

A entrevista foi com o aluno autista, nome fictício de “José”, com idade de 21 anos, no dia 26/03/2020, que prontamente aceitou a proposta para que enriquecesse esse trabalho. A conversa foi escrita em tópicos por assuntos. José estudou numa Universidade (não identificada no momento), num Município situado no Noroeste do Paraná, no Curso de Odontologia, com desistência em março de 2019. Atualmente, estuda Medicina, em outro país, até o dia de hoje, 28 de março de 2020.

Quanto à sua desistência, foi questionado o porquê do motivo pelo qual o levou a essa decisão de desistir no meio do curso, seja ele por motivo pessoal, ou falta de um bom atendimento pessoal, ou mesmo por outro motivo. Respondeu que “não tinha aptidão para o Curso de Odontologia”.

Perguntou-se o porquê da escolha daquele curso, já que uma vez que não tinha

aptidão, se foi pelo fator ensino ou fator família. O mesmo respondeu que, no *Fator Ensino*, a profissão cirurgião-dentista remunera muito bem. E, que o fator salário e status, foram dois contribuintes pela escolha. No *Fator Familiar*, os pais do ex-aluno atuam na saúde. Foi quase que, "como uma obrigação". "Ou você faz Odontologia, ou irás trabalhar para que faças outro curso, ou quaisquer outras coisas", disseram seus pais. Foi uma decisão forçada. E, isso não é bom para nenhuma pessoa.

-Atendimento e a qualidade do estudo:

Sobre o atendimento e a qualidade do estudo da universidade a qual desistiu, o aluno disse que, apesar de muitos divergirem na forma em que a Universidade atua, ela é sem sombra de dúvida, uma instituição excelente, com professores capacitados e realmente interessados em lhe passar o ensino. Diz isso, porque a universidade em que está atualmente, os docentes prestam devido suporte aos alunos, mas poderiam fazer bem mais pelo aluno autista. E, que, a Universidade apresenta a qual desistiu, há um corpo docente capacitado, como também todos os funcionários são cordiais e espetaculares em suas respectivas funções.

- Colegas, Professores e Entidades:

"Quanto aos colegas, muitos eram respeitosos, assim como muitos não apresentavam, (digamos) "educação". Falando o português claro, eram encrenqueiros e birrentos, famosa geração, mamãe eu quero".

-Em relação à entidade:

"Os profissionais da instituição estavam sempre dispostos a nos ajudar, sempre tratavam bem e, procuravam nos deixar informados de fatos e acontecimentos".

-Aos trabalhos e provas:

"Os trabalhos, eram muitos, mas sempre dei conta de fazê-los sem nenhum problema. Em relação às provas e método de avaliação, eu discordava do alto peso atribuído às provas. Onde valiam em certas disciplinas até 80% da nota. Sei da importância das avaliações, mas o método de provas escritas, não concordava muito, pois achava meio antigo. Vejo como método mais eficaz, a metodologia ativa, o que faria com que os alunos pudessem aprender mais, através da busca por respostas".

- Os dias na universidade em que estudou:

"*Na antiga universidade, os primeiros dias foram tensos, fiz amizades com um grupo de pessoas, pois queria mudar minha forma de ser (risos), mas não se enquadravam na mesma linha de raciocínio que eu, e logo encontrei uma galera completamente fora de noção (risos) ao qual foram meus companheiros durante todo meu período na faculdade".*

-Sobre exclusão:

"Nos primeiros dias de aula é fato (risos) que me sentia excluído, todavia conheci pessoas fantásticas e logo fiz amizades. Mas, é claro um grupo em questão, com as mesmas afinidades. Conversava com todos da sala, mas não com tamanha proximidade. Na Universidade atual, nesse ano de 2020, a classe se dividiu, cada qual foi para outra turma, mas o "meu grupo" permanece invicto".

- Satisfação no curso:

O aluno mostrou-se muito satisfeito com o curso escolhido, atualmente. *"Diferente da Odontologia, para mim, essa profissão dá prazer, por atender pacientes". A flexão dos horários e a gama de oportunidades que ela oferece é muito maior. Para mim a odontologia se resumia em ficar em um local fechado todos os dias fazendo a mesma coisa, ou seja, mexendo na boca do paciente. Sei sobre as profissões da Odontologia na saúde coletiva, dos programas de prevenção, da docência e etc. Digamos, sinto "mais autoridade em mim".*

- Comparação entre as Universidades:

- Cooperação:

"*Alguns docentes veem nossas dificuldades, devido à carga horária, não aliviam em nada (assim como na universidade anterior). Os alunos e amigos de classe até cooperam uns com os outros, mas a seus respectivos grupos de afinidade".*

- Solidariedade:

"Na outra faculdade, tínhamos um setor próprio para nos ajudar nos momentos difíceis, desde psicológico até financeiro. Já na faculdade em que estou atualmente, não temos isso. Cada um por si. Isso é algo que realmente "fere" o indivíduo. Se temos algum problema psicológico, temos de procurar familiares e outras instituições para nos ajudar. Se o problema é financeiro, não temos outra opção a não ser trancar a faculdade. Isso é

triste. Precisamos de um olhar, de ajuda quando precisamos. Nem sempre os colegas podem nos ajudar. Nas universidades deveriam existir pessoas de apoio, tanto psicológico como nas atividades escolares, principalmente os portadores de necessidades especiais intelectuais. Ou seja, revisando suas metodologias".

- Respeito:

"Isso há e houve em ambas. Porém na primeira Universidade era mais aplicado por profissionais da instituição e professores. Por colegas de classe não digo tanto, o que difere da atual faculdade onde há mais "a vida é sua então eu não tenho nada a ver com isso" por parte das pessoas (alunos) – há curiosos mas..."

- Inclusão:

"Na atual faculdade, inclusão é algo que ainda não existe! Diferente da anterior que, até mesmo pelas leis, é obrigada apresentar certas inclusões".

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável lembrar que, pelo fato do aumento de alunos portadores de necessidades especiais intelectuais, no caso o autismo, nas universidades de todo o país, e, partindo do ponto de que o aluno autista universitário *necessita da inclusão e de conhecimento*, muitas vezes, não conseguem atingir seus objetivos levando-os ao abandono escolar. Verifica-se que falta a investigação inicial desses alunos e as estratégias pedagógicas necessárias para sua permanência escolar podem não atender as expectativas dos mesmos. O seu desenvolvimento depende do acompanhamento diário e de diferentes metodologias.

Observou-se que, prioridades devem ser revistas nas universidades, pois nelas há as diversidades, sejam pobres ou ricos, negros ou brancos, alunos considerados normais ou com alguma deficiência, autistas ou com outra especificidade. Tudo deve ser planejado para recebê-los, com perspectivas e ajustes, evitando a desistência. Nota-se, por outro lado, famílias que insistem nos filhos uma profissão que não são compatíveis com suas aptidões. Isso faz com que os filhos não mais acreditem em si próprios.

É importante ressaltar a colocação do aluno "José", quando fala sobre suas dificuldades, a ajuda psicológica, a afinidade entre colegas. Mostra claramente que, apesar da compreensão, da ajuda dos professores, do atendimento da entidade, da inteligência e do esforço, ainda há a necessidade de um acompanhamento especial, já que o aluno possui uma necessidade especial em sua vida, que é o Autismo.

O aluno precisa da figura do professor, com suas ações renovadoras e possibilidades de crescimento social, histórica, intelectual e cognitiva. Trabalhar com alunos autistas é trabalhar com afinco, levando em conta que o estudante necessita de ajuda. Perceber que um aluno autista conseguiu chegar até o final de um curso na universidade, é uma conquista realizada pelo aluno, professores, entidade e colegas. Precisa-se de novas adaptações curriculares para atender o aluno autista, com adequações dos conteúdos para atender esses alunos. No mundo contemporâneo, mudanças rápidas devem ser feitas a cada situação.

Observa-se que, as universidades necessitam de uma investigação antecipada da vida escolar do aluno autista para que o atenda conforme suas necessidades, com um olhar próprio e individual para as atividades, provas e trabalhos. Não se pode mensurar o sentimento de um aluno autista quando está com dificuldades e não ser assistido. Esses alunos devem ser atendidos em seu crescimento intelectual, social, histórico e cognitivo em todos os momentos, pois ao contrário, os levará ao abandono escolar.

O aluno “José”, em sua entrevista, disse não ter aptidão para o curso que desistiu, mas deixou claro que faltou mais empenho por parte de algumas pessoas tão importantes à sua volta. Talvez um atendimento voltado ao aluno autista em todos os aspectos.

As Diretrizes Curriculares deixam bem claro que, deve-se levar em consideração, que a sala de aula é um espaço privilegiado para o debate de inúmeras outras questões relacionadas ao desenvolvimento intelectual do educando e à ampliação de sua visão de mundo. Neste sentido, deve desenvolver e aprimorar práticas, tendo em vista o papel de cidadão numa sociedade em constantes transformações.

Enfim, sempre que possível, deve haver uma flexibilização curricular no nível de aprendizagem para o aluno autista, assistindo-o sempre. A prática educativa da entidade e do professor passa a ser um processo educativo muito importante. Os avanços e a segurança traz ao aluno autista o “processo de aprender”, dentro do seu limite.

Portanto, o autismo está em todos os lugares, inclusive em diversos cursos de universidades. Para isso, precisa-se de estudos antecipados do aluno, a existência de um PAEE para esses alunos especiais. A escola deve possibilitar o gosto pelo estudo, a aprendizagem e espaços, questionamentos, problematizações e oportunidades de crescimento intelectual e cognitivo. Com acompanhamento diário, tudo se transformará.

Enfim, além da comunicação frequente, é necessário respeito por parte de todos para que sinta-se feliz, que tenha autoestima e determinação. O aluno autista é um ser humano que tem seus limites, onde seu desenvolvimento depende do estímulo, amor e perspectivas. O aluno José estuda hoje em outro país, cursa Medicina e parece satisfeito. Não fez comentários da universidade anterior que colaborasse com sua desistência, elogiando-a em alguns aspectos, inclusive alguns professores. Hoje, parece satisfeito com sua nova escolha, apesar de sentir dificuldades também em alguns aspectos. Não foi questionado se o curso atual foi de sua escolha ou de sua família novamente.

4 REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Cláudio Roberto; ROSA, Cleonice. Autismo e Educação**: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BEREOHFF, Ana Maria. **Autismo: Uma história de conquistas**. Disponível em: Acessado em 22 março 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases,** Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: Acesso em: 21 março 2020.

BRASIL**. Diretrizes de Atenção:** Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Brasília – DF, 2014.

BRASIL. Consolidação das Leis do Trabalho. **Texto do Decreto-Lei n.º 5.452**, de 1 de maio de 1943, atualizado até a Lei n.º 9.756, de 17 de dezembro de 1998. 25 ed. atual. e aum. São Paulo: Saraiva, 1999.

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). **Construindo o saber**: metodologia cientifica, fundamentos e técnicas. 5. ed. São Paulo: Papirus, 1995.

CUNHA, Eugênio. Autismo na escola. **Um jeito diferente de aprender. Um jeito diferente de ensinar.** Editora Wak. Rio de Janeiro, 2018.

CURITIBA. Secretaria da Justiça. **Relatório de atividades**. Curitiba, 2004.

GILBERG, c. Infantile autismo: **diagnosis and treatment.** Acta Psychiatr Scand 1990; 81:209-15.

GOLDBERG, K., PINHEIRO, L. R. S., BOSA, C. A. **A opção do professor pela área de educação especial e sua visão acerca de um trabalho inclusivo**. Revista Perspectiva, Erechim,2005.

MACHADO, Rose Sgroglia. **Inclusão Educacional.** Lei nº 7.853 – de 24 de outubro de 1989. (Regulamentada em 1999). Editora Bicho Esperto, 2012.

NOGUEIRA, Makeling Oliveira Gomes; LEAL, Daniela. Teorias da aprendizagem: **um encontro entre os pensamentos filosófico, pedagógico e psicológico.** Editora Intersaberes. São Paulo-SP, 2018.

NOVA ESCOLA. Amaral. **Desate os nós da sua cabeça.** Ano 31, Nº 297, nov. 2016.

ORRÚ, Sílvia Ester. Autismo, Linguagem e Educação:**.Interação social no cotidiano escolar.** 3ª Edição. Editora Wak. Rio de Janeiro, RJ, 2012.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo: O que os pais devem saber?** 2ªedição.Editora Waak. Rio de Janeiro, RJ, 2011.

PARANÁ. Educação e Pedagogia. https://www.portaldaeducacao.com.br>...Artigos>Acesso em: 21 março 2020.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação básica: Língua Portuguesa.** Curitiba SEED, 2009.

PARANÁ. **Proposta de Ajustes na Organização das Escolas de Educação.** Parecer 07/2014 – Educadores. www.educadores.diaadia.pr.gov.br › arquivos › File › ed_especial › parec... Acesso em 04 de novembro 2019.

SALVADOR, Nilton. Autistas...**Os Pequenos Nadas.** Editora Wak. Rio de Janeiro, RJ, 2015.

SANDBERG, Elisabeth Hollister; SPRITZ, Becky L. **Breve guia para tratamento do autismo.** M.Books do Brasil Editora Ltda, 2017.

TEIXEIRA, Gustavo. Manual do Autismo. **Guia dos pais para o tratamento complexo.** BestSeller. Rio de Janeiro, RJ, 2018.

VIGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

www.bbc.portuguese-geral.com.br. **Dia mundial do autismo: meninos autistas podem estar deixando de receber tratamento por falta de diagnóstico correto.** (Eva Ontiveros e Lourdes Heredis) Do serviço mundial do BBC, de 2 abril 2019. Acesso em 24 de março de 2020.

www.blog.psicologiaviva.com.br. Psicologia Geral. **Tipos de Autismo:** Conheça 4 e suas características. Acesso em 24 de março de 2020.

www.jrmcoaching.com.br. **Transtorno Desintegrativo da Infância. O que é?** Acesso em 25 março 2020.

www.revistaautismo.com.br. **Quantos autistas há no Brasil?** Revista Autismo. Acesso em 21 março 2020.

www.lei12.764/12.com.br. **Direitos da pessoa com transtornos do espectro autista.** Carlos Eduardo Rios do Amaral. Publicado em 04/2016. Acesso em 22 de março de 2020.

www.jrmcoaching.com.br. **Transtorno Desintegrativo da Infância.** Acesso em 23de março de 2020.